

Para onde vai um desastre? Silêncios e rastros da enchente de 2024 na Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre¹

Matheus Schwab²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

O artigo analisa como o desastre socioambiental da enchente de maio de 2024 em Porto Alegre (RS) se manifestou durante a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, realizada em fevereiro de 2025. Por meio de uma pesquisa de inspiração etnográfica, que incluiu observação participante e registros fotográficos, foram identificadas três cenas emblemáticas que evocam o desastre fora dos ritos oficiais. Argumenta-se que, mesmo ausente dos discursos litúrgicos, a enchente permanece inscrita na cidade, nas ambiências e no imaginário. O estudo propõe que a Folkcomunicação é uma chave analítica fundamental para compreender como rastros e silêncios também presentificam desastres socioambientais em meios de expressão popular, como por exemplo, as procissões.

Palavras-chave: nossa senhora dos navegantes; desastre socioambiental; folkcomunicação; enchente; procissão

A ontologia antropocêntrica crítica e as discussões sobre o Antropoceno nas Ciências (HARAWAY, 2023; LATOUR, 2020) cada vez mais incluem em seu âmbito estudos sobre desastres ambientais (STENGERS, 2015). Inclusive, nota-se uma proliferação de termos para abarcar objetos sinônimos ou muito similares. Evento climático, evento extremo, evento crítico, tragédia ambiental, desastre ambiental e desastre socioambiental são alguns dos nomes utilizados para designar fenômenos que envolvem destruição e ação natural. Neste trabalho o termo desastre socioambiental será utilizado, uma vez que contempla e também dá protagonismo ao “fator humano” no fenômeno (BLAIKIE et al., 1994).

Os desastres socioambientais têm características distintas, podem atingir poucas ou muitas pessoas; ter curta ou longa duração; se concentrarem em uma pequena ou em uma extensa área; ser amplamente midiaticizados ou subnotificados, dentre outras

¹ Trabalho apresentado no GP 19 Folkcomunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: schwab3p@gmail.com.br

variações. Um desastre socioambiental pode ocorrer em uma noite, por exemplo, por um desabamento de terra provocado por fortes chuvas, ou em anos, como em um longo período de seca. Caso emblemático para se notar o “fator humano” é a enchente que atingiu a cidade de Porto Alegre (RS) em maio de 2024.

Com as fortes chuvas que caíram na Serra Gaúcha no fim de abril, o Rio Taquari escoou em direção ao Guaíba, lago localizado às margens de Porto Alegre, cujas águas atingiram 5,3 metros, a maior marca já registrada na história da cidade. Como consequência, no dia 05 de maio as águas invadiram a cidade e só começaram a baixar 12 dias depois. Em todo o Estado do Rio Grande do Sul as enchentes afetaram 478 dos 497 municípios do estado, resultando em 184 mortes, 806 feridos e 25 pessoas desaparecidas. Além disso, as enchentes deixaram quase 200 mil pessoas desalojadas ou desabrigadas, impactando diretamente a vida de cerca de 2,4 milhões de gaúchos (VILELA, 2025).

As chuvas revelaram a fragilidade do sistema antienchente, composto por 68 km de barreiras contra inundações, 14 comportas e 23 estações de bombeamento que falharam quando o Guaíba alcançou níveis entre 4,5m e 5,3m, muito abaixo de sua cota projetada de seis metros (RODRIGUES, 2024). Especialistas atribuíram esse colapso à falta de manutenção da Prefeitura Municipal, responsável pelo funcionamento do sistema. Como consequência, após as águas baixarem, foram encontrados uma série de erros como: barreiras com altura abaixo do projetado, trechos desprotegidos e falta de equipamentos simples para evitar o refluxo de água por dentro da canalização de drenagem (GONZATTO, 2024). Restam poucas dúvidas de que a negligência do poder público foi fator fundamental para o aumento do impacto da enchente.

Compreendendo a magnitude da enchente é esperado que ela se inscreva na história, memória e imaginário da cidade, mas principalmente, que se torne tema de expressões Folkcomunicacionais (BELTRÃO, 1980, 2001) porto-alegrenses. Neste estudo, investigo a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, realizada em 2 de fevereiro de 2025. A escolha justifica-se por múltiplos fatores: a centralidade da procissão na religiosidade popular porto-alegrense, sua associação simbólica com as águas, seu sincretismo com Yemanjá, e sua capacidade de congregar devotos de diferentes matrizes culturais. Em 2025, a procissão completou 150 anos e reuniu cerca de 10 mil pessoas (GONÇALVES, 2025).

Minha pesquisa busca compreender como, e se, o desastre socioambiental de 2024 se manifestou durante a procissão. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa processional³, de inspiração etnográfica (PEREIRA et al., 2021) que se valeu de observação participante, registro fotográfico, registro audiovisual e anotações de campo realizadas durante e depois da procissão. Os conceitos da razão sensível (MAFFESOLI, 1998), da corpografia (JACQUES, 2017) e da polifonia urbana (CANEVACCI, 1997) também me guiaram durante o meu caminhar em fé. Participei das celebrações, percorri 10 quilômetros e estive diretamente envolvido com a procissão durante oito horas. Nesta imersão observei atentamente os gestos, signos, símbolos, sons, vozes e silêncios que, direta ou indiretamente, remetessem à enchente de maio de 2024.

Notas de um pesquisador processional: silêncios e rastros de uma enchente

A programação teve início às 7h da manhã com a celebração de uma missa na Igreja do Rosário, situada no centro de Porto Alegre. Por volta das 8h da manhã, iniciei meu trajeto junto aos milhares de fiéis em direção ao Santuário dos Navegantes, destino final da procissão. Sob um céu azul sem nuvens, um sol brilhante e temperaturas que superaram os 30°C ao longo do percurso, após pouco mais de 2h de caminhada a imagem foi conduzida para o interior do Santuário e recebida com aplausos, cânticos e exaltações emocionadas: “Viva Nossa Senhora dos Navegantes!”. Às 11h, o arcebispo de Porto Alegre celebrou uma missa campal pra milhares de pessoas na praça em frente ao santuário. Ao meio-dia, grande parte dos fiéis já começaram a se dirigir às barracas de comida instaladas na praça e aos poucos bares e restaurantes nos arredores. Outros tantos, foram embora. Às 14h, após circular pelos arredores, observei a dispersão gradual da multidão e finalizei meu acompanhamento *in loco*.

Durante o trajeto, muita coisa chamou minha atenção: o grande número de fiéis de pés descalços; as inúmeras cenas evidenciando o sincretismo com Yemanjá, nas guias, patuás e camisetas dos processionais; a presença de ambulantes vendendo rosas, toalhas, santinhos, lenços e outros tantos produtos reproduzindo a imagem de Nossa Senhora; a presença de veículos jornalísticos; a comensalidade envolvida na procissão, que em alguns momentos chega a cruzar a identidade farroupilha com a baiana, em barracas que

³ Relativo a ou próprio de procissão (PROCESSIONAL, 2024)

vendem tanto o Acarajé quanto o Xis-Entrevero; e tantas outras cenas carregadas de substrato para pesquisas em Folkcomunicação.

Figura 1 – Fotos de um pesquisador processional



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025)

Entretanto, quase não houve menções à enchente. Não havia cartazes, fotografias, falas de protesto, de lamento, saudade ou dor. As únicas referências ao desastre socioambiental ocorreram de forma breve e indireta durante a homilia das missas, onde a enchente foi contextualizada por uma narrativa de resiliência, alinhada ao slogan oficial da procissão: “150 anos, caminhando com Maria, Mãe da Esperança”. A tônica das mensagens foi a de que a fé e a esperança se tornam ainda mais essenciais “em um momento como este”.

Este silêncio institucional e coletivo é, por si só, significativo. No entanto, três cenas visuais captadas durante o trajeto evocaram de maneira potente a memória do desastre. São registros de silenciosas presentificações (BARROSO, 2022), isto é, manifestações não ritualizadas, mas inscritas na paisagem urbana e nos gestos do cotidiano da cidade que atravessam a procissão na medida em que os fiéis caminham pelas ruas de Porto Alegre.

A primeira cena observada ocorreu logo no início do trajeto, nas imediações da Igreja do Rosário. Um grande armazém, à beira da rua por onde passava a procissão, tinha seus muros pichados (Figuras 2 e 3) com mensagens que denunciavam o impacto da enchente e criticavam diretamente a atuação das autoridades. No edifício, reconstruído

com partes dos materiais salvos da inundação, lia-se, por exemplo: “Viver é para os fortes” (Figura 2), “Eu cozinho minha dor, e como ela”, “5 de maio de 2024. Saí de casa para comprar pão e voltei 31 dias depois”, “E se alagar de novo?” e “Tenho mil problemas, mas nenhum se resolve com saco de areia” (Figura 3). Na fronteira entre a tinta escura e clara, encontra-se a marca da água que meses antes encobriu as ruas do centro de Porto Alegre.

Figura 2 – Primeira lateral do muro de um armazém



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025)

Figura 3 – Segunda lateral do muro de um armazém



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025)

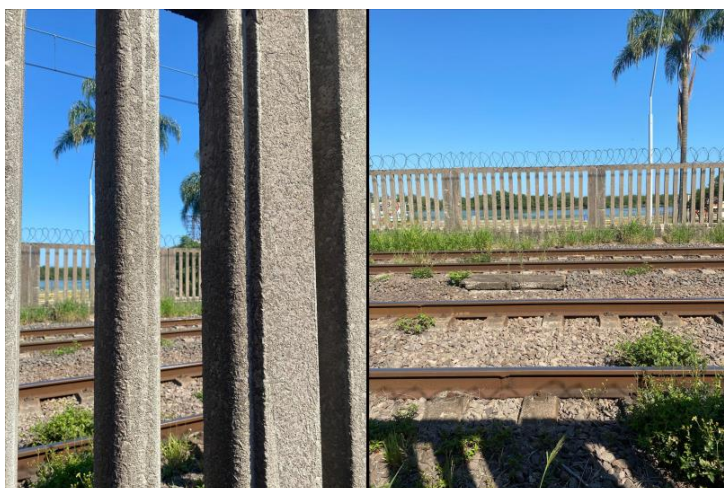
As duas cenas seguintes apresentam elementos em comum: ambas ocorrem na Avenida Castelo Branco e representam pontos simbólicos do desastre socioambiental analisado neste artigo. A primeira mostra a Casa de Bombas nº 4 (Figura 4), uma das várias unidades que integram o falho sistema de contenção de cheias. A segunda, um muro vazado (Figura 5), onde é possível perceber pelas suas frestas a proximidade da procissão com o Lago Guaíba, a menos de 500 metros de distância.

Figura 4 – Casa de bombas



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025)

Figura 5 – Vista das águas do Guaíba pelas frestas de um muro



Fonte: Elaborado pelo Autor (2025)

Em comum, as três cenas observadas não pertencem à práxis ritualística do caminhar processional com e por Nossa Senhora dos Navegantes. Elas não foram

previstas, nem planejadas, nem celebradas, estão à margem. São rastros que podem ser compreendidos como dispositivos comunicacionais que manifestam e presentificam a história, memória e imaginário da enchente durante a procissão.

Para onde foi o desastre?

Estas três cenas indicam que o desastre se manifestou na procissão fora do rito litúrgico, mas dentro da cidade. A partir desta constatação, proponho três possíveis respostas à pergunta que dá título a este artigo: o desastre está na cidade, na ambiência e no imaginário.

O silêncio da enchente nas falas religiosas e nos elementos ritualísticos da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes contrasta com os rastros do desastre encontrados, manifestados e presentificados pela paisagem urbana porto-alegrense. Embora mudos, os muros falam. Tal asserção permite situar a primeira cena, os pixos nos muros do armazém (figuras 2 e 3), como uma expressão teoricamente alicerçada na Folkcomunicação (BELTRÃO, 1985, 2001), conforme aponta Júnia Martins: Tanto o pixo quanto o grafite se circunscrevem como mídia marginal que, historicamente, é grafada no espaço urbano como voz daqueles alijados de participação ou representação positiva nos espaços institucionais do poder. (2022, p. 218). Soma-se a isso a compreensão da “cidade como texto” (BARROS, 2011), e compreende-se o muro do armazém como uma superfície discursiva que performa um duplo gesto folkcomunicacional: ao mesmo tempo em que narram a experiência vívida e traumática do desastre, denunciam a ineficácia das medidas preventivas sob a responsabilidade do poder público local.

Na segunda cena vemos um homem cansado pelo calor e pela longa caminhada sentado sobre a base de concreto da casa de bombas em busca de sombra e descanso temporário (Figura 4). Simboliza um encontro entre o corpo festivo e uma ruína técnica. A estrutura, concebida como elemento de proteção coletiva, tornara-se símbolo de abandono e fracasso institucional. A presença do caminhante com Maria, Mãe da Esperança, reinscrevia o local em outra camada de significação. Neste caso, a casa de bombas pode ser compreendida como um meio de Comunicação Urbana (BORELLI; FREITAS, 2009; SILVA, 2011) que traz consigo uma ambiência (THIBAUD, 2002; GUMBRECHT, 2014). A sensação difusa, porém, vívida que me afetou ao passar pela casa de bombas encontra consonância com o que Thibaud descreve: “De certa forma, uma

ambiência filtra o que é perceptível e imperceptível [...] se há transformação da nossa sensibilidade, então nós devemos ser capazes de encontrar vestígios nas ambiências que nos habitam no dia a dia” (2002, p. 7).

Já no caso do muro vazado (Figura 5), em que se avistava as águas do Guaíba, a cena evidencia como o centro da cidade está permanentemente exposto à influência do Guaíba, uma vez que a enchente atingiu praticamente todas as regiões próximas a ele. No entanto, apenas neste ponto foi possível visualizar diretamente as águas, diferentemente de outros locais onde os muros eram altos e impediam os devotos de verem diretamente as águas do lago. Minha hipótese é a de que esta fresta no muro pode atuar como um gatilho de memória, que catalisa por meio de sua materialidade elementos inscritos no plano imaterial. Se realizada esta evocação configura a manifestação e presentificação da enchente também no imaginário (BACHELARD, 1998; DURAND, 2002; MAFFESOLI, 2007; SILVA, 2003). Inclusive, já existem trabalhos sobre a enchente de 1974 ocorrida em Tubarão (SC) que corroboram com esta visão teórica e apresentam caminhos metodológicos para concatenar meios de expressão popular, desastres socioambientais e as teorias do imaginário (MORAES; MÁXIMO, 2016; MORAES; FERNANDES, 2023).

Diante das manifestações que emergiram majoritariamente nas margens da procissão, compreende-se que a Folkcomunicação, enquanto campo de estudo dos meios de expressão popular, dos grupos marginalizados e como um sistema comunicacional não hegemônico (BELTRÃO, 1985, 2001), oferece uma lente teórica e metodológica sensível e potente para interpretar como desastres socioambientais se inscrevem no tecido urbano, nas ambiências de uma cidade e no imaginário de seus habitantes. Assim, não só procissões, como também festas religiosas e populares se transformam em *locus* privilegiados para análises comunicacionais sobre desastres socioambientais.

Considerações Finais

Este artigo buscou compreender de que maneira a enchente que atingiu Porto Alegre em maio de 2024 manifestou-se durante a Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, realizada em 02 fevereiro de 2025. A partir de uma pesquisa de campo de inspiração etnográfica foi possível observar que, embora silenciada durante os ritos litúrgicos da procissão, o desastre socioambiental deixou rastros, principalmente na paisagem urbana da cidade. A partir da análise de três cenas, argumenta-se que o desastre presentificou-se na procissão pela Comunicação Urbana, pela ambiência e pelo

imaginário. Por fim, o estudo evidencia a Folkcomunicação como uma chave analítica fundamental para compreender as relações entre os desastres socioambientais e meios de expressão popular, como por exemplo, as procissões.

Referências

- BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. As imagens da cidade e os saberes urbanos. **Politeia**: História e Sociedade, Vitória da Conquista, v. 11, n.1, p. 187-208, 2011.
- BARROSO, Flávia Magalhães. **O que falam as festas**: éticas e estéticas das coabitações noturnas no centro do Rio de Janeiro. 2022. 373 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- BLAIKIE, P. *et al.* **At risk**: natural hazards, people's vulnerability and disasters. 2. ed. London: Routledge, 1994.
- BORELLI, S.; FREITAS, R. **Comunicação e culturas urbanas**. São Paulo: EDUC, 2009a.
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins fontes, 2002.
- GONÇALVES, G. Milhares de fiéis participam da procissão de Navegantes em Porto Alegre. **GZH**, 2 fev. 2025. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2025/02/milhares-de-fieis-participam-da-procissao-de-navegantes-em-porto-alegre-cm6nhqt7e007e016tuamfn3rn.html>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- GONZATTO, M. Estudo indica que sete tipos de falhas no sistema de proteção agravaram cheia na Região Metropolitana. **GZH**, 15 dez. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/12/estudo-indica-que-sete-tipos-de-falhas-no-sistema-de-protecao-agravaram-cheia-na-regiao-metropolitana-cm4k4v9b100p80126q6ksi7ye.html>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- GUMBRECHT, H. U. **Atmosfera, ambiência, Stimmung**: sobre o potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2014.
- HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- JACQUES, P. B. **Corpocidade**: gestos urbanos. Salvador: Edufba, 2017.

LATOUR, B. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, M. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007

MARTINS, J. M. D. Muros que falam: comunicação marginal na cidade em contextos de rupturas democráticas. In: SCHIMIDT, C.; HOHLFELDT, A.; MERGULHÃO, E. (Orgs.). **A comunicação dos marginalizados nas rupturas democráticas**. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2022. p. 203-22.

MORAES, H. J. P.; MÁXIMO, W. C. O dilúvio mítico e o mito da grande enchente de Tubarão (1974): recorrências e convergências no imaginário. **Criar Educação**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2016. DOI: 10.18616/ce.v5i2.2895.

MORAES, H. J. P.; FERNANDES, A. C. V. O local e as emoções suscitadas: experiência estética no imaginário urbano de Tubarão, Santa Catarina. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 53, p. e16708, 2020. DOI: 10.5585/eccos.n53.16708. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/16708>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PEREIRA, S. L.; RETT, L.; BEZERRA, P. M. Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021. DOI: 10.30962/ec.2267. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2267>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PROCESSIONAL. In: MICHAELIS: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/proceSSIONAL>. Acesso em: 20 jun. 2025.

RODRIGUES, M. Falta de manutenção e falhas de projeto impediram o sistema de contenção de cheias de proteger Porto Alegre. **Revista Pesquisa FAPESP**, ed. 341, jul. 2024. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/falta-de-manutencao-e-falhas-de-projeto-impediram-o-sistema-de-contencao-de-cheias-de-proteger-porto-alegre/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

SILVA, J. M. da. **Tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

THIBAUD, J-P. **Regards en action**. Ethnométhodologie des espaces publics. Bernin: A la Croisée, 2002.

VILELA, P. R. Um ano das enchentes no RS: do caos à lenta reconstrução. **Agência Brasil**, 7 maio 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-05/um-ano-das-enchentes-no-rs-do-caos-lenta-reconstrucao>. Acesso em: 20 jun. 2025.